

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
A mulher do pai	14
A mulher do pai faz parte da família?	17
A mulher do pai é parente?	29
Visita ou da casa?	37
A mulher do pai é madrasta?	43
Relação civilizada?	53
Emergência mítica	61
Como sair da marginalidade	75
Uma questão de identidade.....	91
Harmonia pela assimetria	107
Bruxa não vira fada – cuidado com os bons conselhos!.....	117
<i>A bibliografia de apoio</i>	131





Prefácio

Há alguns anos, quando passei a ser a mulher do pai e comecei a conceber a idéia deste livro, pensei em fazer um livro de humor. De humor negro. Esta forma me parecia, no furor dos momentos mais difíceis, aquela capaz de encarar os demônios, aquele lado mais mau, mais mesquinho, mais difícil que todos temos e precisamos perceber para superar, mas, na pior e na mais comum das vezes, escondemos sob uma imagem envernizada ou sob um discurso politicamente correto. O humor negro talvez permitisse olhar de frente os sentimentos, as imagens, as idéias que nos infernizam. Talvez ajudasse a exorcizar as dificuldades com mais facilidade, talvez pudesse mi-

nimizar a culpa e a vergonha que todos sentimos diante da nossa fraqueza inevitável.

Mas, nos momentos mais fáceis, o manto da compreensão me cobria, e me fazia querer superar com tolerância as dificuldades, ajudar na construção de um caminho mais amistoso. Para tanto, era preciso estudar. Estudar a condição humana, a família, a história, aprofundar questões e ampliar relações. Era preciso fazer da sombra um impulso para integrar as minhas ambigüidades com humildade, ter paciência comigo mesma e com todos. Era preciso sentir, perceber e pensar. E era preciso errar e aprender com os erros. Era preciso perdoar. Era preciso exigir.

Minha primeira convivência com a mulher do pai foi como ex. Nessa posição experimentei algumas dificuldades, mas elas eram facilmente superáveis na minha posição intocável de mãe, na garantia da satisfação simbólica que essa posição proporciona. Embora os conflitos da posição de ex também sejam intensos, existe uma grande malha social e científica que apóia a mãe: muitas publicações, muitas matérias em revistas populares, muitos profissionais especializados. Mesmo a discriminação que sofri ao permitir que meu filho morasse com o pai – um colega chegou a me dizer que não seria meu amigo porque sua “estrutura de pensamento” não admitia que uma mãe “abandonasse” o filho – foi facilmente superada com a viva relação que mantive com meu filho, além de inúmeras leituras e a convivência proporcionadas por bons amigos e profissionais competentes da sociologia, da filosofia e da psicologia.

Como mulher do pai, não encontrei tanta leitura, tantos estudos, tantos profissionais capazes de me ajudar a elaborar esta posição. Mas encontrei muitas amigas vivendo a posição de mulheres do pai. Este livro nasceu dos meus esforços meio às cegas, entre conversas num desabafo, entre uma leitura aqui e ali – e após muita reflexão para elaborar emoções e idéias esparsas vindas de muitas áreas.

Este não é um livro de bons conselhos.

Não é um livro de bons exemplos.

Primeiro, porque os bons conselhos e os bons exemplos podem ser inspiradores, mas, na maioria das vezes, o que fazem é alimentar a culpa e a inferioridade daqueles que não conseguem segui-los. Segundo, porque o que tenho a oferecer não é um modelo a ser seguido, mas a solidariedade com as dificuldades e um estudo movido por elas. É um livro que nasceu da minha fragilidade, e não da minha autoconfiança.

Este é um livro de guerra e de compaixão pela condição humana, de como ela surge nas relações da mulher do pai, assumindo o que ela tem de dificuldades, de capacidade para a intolerância e para a compreensão, para o ódio e para a ternura, para o rancor e para o perdão.

É um livro que pretende trazer compreensão e alívio para a mulher do pai.

Porque aquilo que assombra não é exclusividade da mulher do pai. O marido, os filhos do marido, a ex, todo mundo assombra, todos os outros personagens das respectivas famílias – avós, cunhados – assombra com suas sombras. No entanto, a necessidade de tolerância com as crianças é ideologicamente consenso. O pai e a mãe estão relativamente protegidos pela herança dos direitos e dos deveres tradicionais, e, mesmo diante dos conflitos provocados pelos novos papéis de mãe e de pai nas transformações da família, eles encontram mais orientação massiva.

Mas a mulher do pai, essa figura nova na dinâmica da família, quem a orienta?

Este livro pretende contribuir para a orientação da mulher do pai. Não entende a mulher do pai como a bruxa madrasta. Nem como fada madrinha. E não pretende transformar a bruxa em fada. Nesta história esquisita, a fada às vezes vira bruxa e a bruxa, fada; a princesa

às vezes vira madrasta e a madrasta, princesa; o rei às vezes vira dragão e o dragão, rei.

Esta história não segue o roteiro dos contos de fadas na direção de um final feliz.

Porque finais felizes acontecem a todo instante, assim como a todo instante novas dificuldades e sofrimentos os superam, exigindo constantemente novos finais: felizes, infelizes, instigantes.

Este é, antes de tudo, um livro escrito para a perspectiva da mulher do pai.

Fernanda Carlos Borges

MULHER DO PAI

Nota: os episódios narrados neste livro são baseados em histórias reais, narradas por diversas mulheres do pai. Por seu caráter universal, no entanto, foram adaptados de forma a se transformarem em narrativas exemplares e fictícias.